

UMA SEMIÓTICA DO ROMANCE *MULHERES EMPILHADAS*, DE PATRÍCIA MELO

A SEMIOTIC READING OF THE ROMANCE *MULHERES EMPILHADAS*, BY PATRÍCIA MELO

Alana Raíssa Aquino da Silva¹
Luiza Helena Oliveira da Silva²

RESUMO

Este artigo propõe uma análise do romance de Patrícia Melo, *Mulheres empilhadas*. Pelas narrativas de violência e assassinato de mulheres, a autora expõe o *modus operandi* do sistema patriarcal e capitalista. Subsidiando este trabalho produções de teóricas feministas e, como metodologia de análise, mobiliza a semiótica discursiva, considerando a sintaxe narrativa e o regime de programação.

Palavras-chave: literatura feminista; feminicídio, semiótica discursiva.

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the novel by Patrícia Melo, *Mulheres empilhadas*. Through the narratives of violence and murder of women, the author exposes the *modus operandi* of the patriarchal and capitalist system. This work supports the production of feminist theorists and, as an analysis methodology, mobilizes discursive semiotics, considering the narrative syntax and the programming regime.

Keywords: feminist literature; femicide, discursive semiotics.

INTRODUÇÃO

Não podemos transcender os perigos, não podemos ultrapassá-los. Nós devemos atravessá-los e não esperar a repetição da performance.

Glória Anzaldúa

No momento em que escrevíamos este artigo, a notícia “Candidata do PT à prefeitura de Curalinho, no Marajó, é assassinada em Belém”, publicada no jornal G1³, informava sobre um novo feminicídio, aumentando o número crescente de mulheres assassinadas no país. O portal trazia uma nova vítima, Leila Arruda, de 49 anos, fundadora e militante do Movimento de Mulheres Empreendedoras da Amazônia (MOEMA), pedagoga e ativista pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Segundo

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente da rede pública estadual. E-mail: alanaraissa@live.com

² Doutora em Letras e docente do Curso de Letras da Universidade Federal do Norte do Tocantins. E-mail: luiza.to@ufnt.edu.br

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/11/19/candidata-do-pt-a-prefeitura-de-curalinho-no-marajo-e-assassinada-em-belem.ghtml> Acesso em: 19 nov. 2020.

pesquisa realizada a partir de demanda do Banco Mundial, a violência contra as mulheres brasileiras aumentou sensivelmente no primeiro semestre de 2020, coincidindo com o pico da pandemia provocada pelo Covid-19, mesmo considerando que os dados obtidos possam ser ainda maiores, em função da própria dificuldade que as mulheres vivenciam para fazer boletins de ocorrência e denunciar seus agressores, durante o confinamento imposto durante esse período. Com exceção dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, o relatório intitulado *Violência Doméstica durante a Pandemia de Covid-19*⁴ aponta a média nacional de aumento da violência contra a mulher é de 22% em 2020, agravando o quadro já alarmante do contexto nacional.

Assassinada a facadas e pauladas na porta de sua residência, Leila Arruda é mais um corpo sendo empilhado na pilha de tantos outros corpos de mulheres que tiveram esse mesmo triste e brutal destino. O que se percebe diante das informações contidas em matérias dessa natureza é que a maioria das vítimas foram assassinadas pelos seus companheiros ou ex-companheiros. Sabemos ainda que, desde 2015, quando ocorreu o sancionamento da Lei 12.104/2015, conhecida como Lei Maria da Penha, uma qualificadora que aumentou a pena para autores de crimes praticados contra mulheres, o quadro parece ter se agravado.

No período por que todos passamos, quando fomos obrigados a permanecer um maior tempo dentro de casa devido à pandemia provocada pelo vírus da Covid-19, muitas pessoas trabalharam em suas residências e nelas a presença do companheiro se tornou mais massiva, diária, com um impacto direto no aumento da violência sofrida, ao mesmo tempo em que se verificava baixo índice de denúncias sobre essas agressões pelos riscos implicados. Isso acontece porque nesse contexto existiu mais facilidade de impedi-las que se dirigissem a uma delegacia ou local especializado em prestar socorro a essas vítimas, e até mesmo aumentou a dificuldade para sinalizarem por ajuda.

Como um pequeno gesto de resistência frente a esse contexto de violência, para este trabalho, selecionamos para análise o romance de Patrícia Melo, *Mulheres empilhadas*, justamente em função daquilo que o cruzamento de tantas narrativas de assassinatos nos traz para compreensão da violência contra mulheres no Brasil. Ao longo do romance de Melo, acompanhamos a circularidade das histórias das mulheres, pertencentes a classes distintas e situadas em diferentes regiões do país, repetindo como que numa condenação prévia seu idêntico destino. Ficção e realidade ali se imbricam, figurativizando um quadro do que é ser mulher no Brasil contemporâneo.

O artigo organiza-se, além da Introdução e Considerações finais, em três seções: na primeira, fazemos uma reflexão sobre a violência contra a mulher, a partir de estudos do gênero; na segunda, apresentamos brevemente a autora e seu romance; na última, trazemos elementos da semiótica discursiva e empreendemos a análise propriamente dita.

NA ESTRUTURA PATRIARCAL

Os estudos em torno do gênero explicitam os mecanismos que forjam a dominação masculina, com sua origem determinada pelo sistema patriarcal. Compreende-se que se trata de uma estrutura de poder que não apenas autoriza

⁴ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia> Acesso em: 30 nov. 2020.

como também demanda dos homens que se coloquem hierarquicamente como superiores e, por vezes, para garantir essa condição, que utilizem da sua força intimidadora dentro das relações de gênero. Conforme Castells (2010, p. 169):

O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura. Os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo.

Nesse sentido, Castells considera que o patriarcalismo ou patriarcado se assenta nos mecanismos da estrutura social, confirmado por diferentes elementos sociais, como um sistema de favorecimento que privilegia homens em detrimento de mulheres, movimentando não apenas a instância das micro-relações de poder (como a família), mas também as de nível macro. Como um moinho de água, os convívios diários e o exercício dessa lógica é o que move e proporciona a manutenção e a naturalização dessa dinâmica.

O entendimento sobre como a sociedade capitalista contemporânea se movimenta é uma das peças indispensáveis para trabalharmos nas brechas dessa estrutura e, principalmente, combatê-la. A opressão de gênero toma ainda mais força quando analisada juntamente com a lógica capitalista de exploração dos corpos femininos, que coloca mulheres em situações de vulnerabilidade principalmente quando engravidam e se encontram em situações de maior dependência de seus parceiros. Compreende-se como gênero

um recurso utilizado para se referir à construção social desigual baseada na existência de hierarquia entre os sexos e as conseqüências que daí se originam. Essa diferença não é só conceitual, tem efeitos políticos, sociais e culturais. (FARAH, 2004, p. 48)

Entender esses mecanismos de construção social em torno do gênero é imprescindível. Em conformidade com Farah, compreendemos que a hierarquia entre os sexos é reproduzida e intensificada a partir da socialização. Desde a infância, naturaliza-se que o lugar da menina é cozinhando, cuidando das bonecas e da casa. Com seus brinquedos, ensaia o papel temático que irá posteriormente desempenhar. Ao pensar sobre a precarização e a não remuneração desse tipo de trabalho em nossa sociedade, vemos a remuneração financeira mais baixa, o menor prestígio social, ainda que o trabalho doméstico e de cuidados seja um dos principais pilares de sustentação do capitalismo⁵.

Há a mulher que fica em casa, cuidando dos filhos, economicamente à espera do marido provedor, não recebe nenhuma quantia pela sua força de trabalho, enquanto invisivelmente auxilia na manutenção desse sistema. Fomenta, portanto, o princípio das relações de gênero dentro das lógicas do capital, e toda e qualquer insubordinação da parte oprimida é logo trucidada. Para as que se inserem no

⁵ A partir de Federici, Reis tematiza o cuidado do ponto de vista da resistência feminina no contexto capitalista: “A compreensão da dimensão do cuidado como não apenas um serviço resultante da desigual divisão sexual do trabalho, mas como uma prática de resistência aos modos de exploração capitalista e aos projetos de globalização, sobretudo nos países não desenvolvidos (FEDERICI, 2019a), é um dos aspectos que se destaca no atual debate sobre gênero e participação social” (REIS, 2020, p.24).

mercado de trabalho, inclusive com remuneração em média 20,5% inferior à dos homens⁶, as atividades relacionadas ao cuidado permanecem. Segundo pesquisa, 92,6% das mulheres acima de 14 anos, equivalente a algo em torno de 80 milhões, realiza afazeres domésticos e assume a tarefa de cuidados de pessoas numa média de 21 horas semanais⁷.

É precisamente essa combinação particular de serviços físicos, emocionais e sexuais que está envolvida no papel que as mulheres devem desempenhar para que o capital possa criar a personagem específica da criada que é dona de casa, tornando seu trabalho tão pesado e, ao mesmo tempo, tão invisível. Não é por acaso que a maioria dos homens começa a pensar em se casar tão logo encontra o primeiro emprego. Isso não ocorre apenas porque agora os homens podem pagar por isso, mas também porque ter alguém em casa para cuidar de você é a única condição para não enlouquecer depois de passar o dia todo em uma linha de montagem ou sentado em uma mesa (FEDERICI, 2019, p. 45).

Conforme Federici (2019, p. 45), uma esfera da opressão de gênero é justamente o trabalho. É por meio do trabalho, sobretudo numa sociedade de classes, que o machismo é acentuado, sendo mais ostensivo para as classes economicamente mais frágeis:

[...] quanto mais pobre a família, maior a escravidão a que a mulher está submetida, e não simplesmente pela situação econômica. Na realidade, o capital tem uma política dupla: uma para a classe média e outra para a família de classe trabalhadora. Não é por acaso que encontramos um machismo menos sofisticado nessa última: quanto mais pancadas o homem leva no trabalho, mais bem treinada deve estar sua esposa para absorvê-las e mais autorizado estará o homem a recuperar seu ego à custa da mulher.

Conforme a condição de trabalho as relações podem ser mais, ou menos violentas, mas é necessário lembrar a todo momento que essas reflexões são como uma lupa para compreender o *modus operandi* desse sistema capitalista e patriarcal.

Como veremos adiante, em *Mulheres Empilhadas*, essa dimensão de natureza econômica é explicitada quando é explicado à personagem principal sobre a questão do machismo dentro das aldeias indígenas, iniciado principalmente pela disputa por terras e mão de obra barata pelos seringalistas, o que causou uma modificação nos costumes e relações interpessoais nas aldeias, ao que se somou o consumo do álcool, bastante utilizado como escapismo pelos homens e intensificador das agressões cometidas às mulheres.

Nesse caso, o que é esperado das mulheres é que sejam a mão que afaga, como se fossem programadas para isso, ou devessem ser, e as que fogem desse padrão logo são sancionadas violentamente para que se adequem. Segundo Almeida (2007, p. 28),

a violência de gênero se passa num quadro de disputa pelo poder, o que significa que não é dirigida a seres, em princípio, submissos, mas revela que o uso da força é necessário para manter a dominação, porquanto a ideologia patriarcal – tensionada por conquistas históricas, sobretudo feministas – não se revela suficientemente disciplinadora.

⁶ Cf. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23923-em-2018-mulher-recebia-79-5-do-rendimento-do-homem> Acesso em: 08 dez. 2020.

⁷ Cf. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25223-mercado-de-trabalho-reflete-desigualdades-de-genero> Acesso em: 08 dez. 2020.

O uso da força torna-se um artifício comumente utilizado para ameaçar e direcionar o comportamento feminino, para programá-lo de acordo com as necessidades da engrenagem patriarcal. Do micro ao macro, do macro ao micro, o ciclo parece permanecer inalterado.

Considerando as lutas das mulheres no contexto brasileiro, há ainda que se considerar uma pauta feminista que vai bem além de uma questão de gênero, na medida em que inclui a compreensão sobre as dominações de classe, gênero e raça, tal como problematiza Vergés (2020, p. 37): “Trata-se aqui de fazer oposição ao nacionalismo autoritário e ao neofascismo, que consideram as feministas racializadas inimigas a serem abatidas.” A compreensão sobre a complexidade do que envolve essa pauta encontra expressão especial na literatura brasileira contemporânea, como pretendemos mostrar na análise do romance de Melo.

PATRÍCIA MELO E AS ENGRENAGENS DO FEMINICÍDIO

Patrícia Melo Neschling é escritora, roteirista, dramaturga e artista plástica, tendo nascido em Assis, São Paulo, em 1962. Em 2001, ganhou o Prêmio Jabuti com o romance *Inferno*. É considerada pela crítica uma das principais romancistas do cenário brasileiro contemporâneo. *Mulheres empilhadas*, aqui eleito como objeto de análise, foi publicado pela editora Leya, em 2019. Com vinte e cinco anos de carreira, Melo publicou 12 livros.

Mulheres empilhadas conta a história de uma advogada que viaja para o estado onde há mais registros de feminicídio para recolher dados e experiências que possam lhe auxiliar no amadurecimento da sua atuação em campo jurídico. O estado em questão é o Acre, que atualmente conta com um aumento crítico de 300% no bimestre de março e abril de 2020, de acordo com dados atualizados pelo jornal da Agência Brasil, que coletou essa informação por meio dos órgãos de segurança dos estados brasileiros.

Antes de mais nada, é importante salientar que é uma obra fictícia, mas que traz em alguns momentos relatos reais de feminicídio, colhidos em jornais pela própria autora, conforme informou em entrevista ao *Coletivas Raimundas*⁸. Existe uma realidade sendo representada de maneira muito incisiva, sobretudo no que diz respeito à questão da violência. O romance é narrado pela personagem principal, a advogada, desafiada desde o primeiro momento a lidar com o histórico de violência já pré-existente em sua família: quando ainda criança, testemunha a morte de sua mãe pelas mãos de seu pai.

Nessa viagem ao Acre, incentivada também pelo tapa no rosto que sofrera de seu até então namorado, Amir, ela se vê no início do que se tornará um processo para começar a encarar o crime cometido pelo pai, e a ausência da mãe em sua vida, e as situações que decorreram deste acontecimento como a preocupação excessiva de sua avó sobre a sua segurança. A cada semana de trabalho e acompanhamento dos casos julgados, a personagem vai indagando a forma brutal de ação dos homens com as suas vítimas, o que os motivou e os resultados desses processos judiciais.

A trama se intensifica quando uma indígena da aldeia Kuratawa é encontrada completamente desfigurada boiando em um lago. Os suspeitos são três homens brancos, héteros e herdeiros dos donos daquelas terras, filhos de gente importante,

⁸ Entrevista com Patrícia Melo em 15 de maio de 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CANjOQPIQ9_/?igshid=nrerhp295etk&fbclid=IwAR08rY9gugX2NL79OEVv92cWnZdJvfzLZcrG7M1E2f7Xjvf8u5qJWtsu4pU. Acesso em 08: dez. 2020.

que na obra são exemplificados como aqueles que mandam e desmandam na região. Descobertos como responsáveis pelo crime, são indiciados, mas não condenados, o que não se apresenta como surpresa dadas as condições locais e as relações de poder retratadas no romance.

Todas as vezes que a personagem se vê amedrontada pelo ar tenso e pesado, fichando todos aqueles casos e atraindo uma determinada atenção, relembra mais uma vez o ocorrido da violência que sofrera de Amir, e repassa em sua mente as etapas desse comportamento que sempre termina em mais uma mulher aumentando a pilha de corpos. A protagonista conhece Carla, com quem desenvolve grande amizade e com quem discutia sobre questões como a vida, a profissão que têm e as dificuldades encontradas no trabalho, principalmente negligências.

Envolvida com os processos e próxima de amigos que faz na região, a advogada se vê subitamente pressionada pelo ex-namorado que aparece em sua porta, no Acre. Não aceitando o definitivo término da relação, acaba tentando difamá-la na internet ao divulgar imagens, vídeos e até o seu número de telefone em sites de conteúdo adulto. Além disso, ela recebe a triste notícia do assassinato de Rita, que escreveu sobre o caso de Txupira. Temerosa, se vê em risco por estar muito envolvida com o mesmo caso que levava Rita à morte, sendo alertada por sua amiga Carla.

Algum tempo depois, após ser ameaçada numa boate pelos mesmos assassinos de Txupira, a manchete sobre a morte dos três rapazes estampa os jornais. Carla também é morta, encontrada no chão de sua cozinha numa poça de seu próprio sangue. O crime é confessado pelo ex-namorado de Carla, que alegou apenas ter tentado protegê-la, mas que se exasperou por ciúmes e pela ingratidão da companheira.

Já bastante afetada emocionalmente, a personagem parte mais uma vez numa jornada interna de reflexões, apresentada várias vezes na obra em formato onírico, que remete aos efeitos da ingestão da ayahuasca. O romance se encerra ao se recordar da morte de sua mãe por meio de experiências xamânicas, encarando o que evitou por tanto tempo. Desenvolve em seu site um projeto pessoal sobre mulheres assassinadas por seus companheiros e, agora não mais no Acre, resguarda-se conseguindo seguir sua vida, ao mesmo passo em que lida com todas essas questões e acompanha a distância o desenrolar dos assassinatos de Rita e Carla.

Para dar dimensão do quantitativo de mulheres relacionadas no romance e que foram alvo da violência, elaboramos uma tabela em que se misturam sujeitos reais – cujos destinos foram narrados em jornais – e os personagens fictícios trazidos pelo texto de Melo.

Tabela 1 - Mulheres assassinadas relacionadas na obra

| SUJEITO | PERSONAGEM | IDADE | ACONTECIMENTO |
|---------------------------|------------|--------------------|---|
| Elaine Figueiredo Lacerda | | sessenta e um anos | abatida a tiros na porta de sua casa |
| Fernanda Siqueira | | vinte e nove anos | assassinada a golpes de faca pelo seu ex-marido |
| Rayane Barros de Castro | | dezesseis anos | assassinada a tiros pelo ex-namorado |
| | Luzineide | Não consta | Morte por asfixia |
| | Iracema | Não consta | Estrangulada |
| | Elisa | Não consta | Estrangulada |
| | Marineide | Não consta | Estrangulada |

| | | | |
|----------------------------|--|------------------------------|---|
| | Nilza | Não consta | Estrangulada |
| | Wanda. Abigail. Carmen. Joelma. Rosana. Deusa. F | Não consta | Pag. 17 Não há contexto de crime |
| | Não consta | Quarenta e oito dias de vida | Estrangulada pelo pai |
| Tatiana Spitzner | | Vinte e nove anos | Jogada do quarto andar pelo marido |
| | Eudineia, Soraia, Juciele e Raele | Não consta | Não consta |
| | Iza | Não consta | Morta por se negar a pagar cachaça para Heroilson |
| | Regina | Não consta | Morta por tirar Wendeson do sério por causa de um rádio |
| | Silvana | Não consta | Morta por Ermício, que descobriu fotos dela de biquíni |
| | Chirley | Não consta | Morta e jogada num terreno baldio |
| | Degmar | Não consta | Morta por pedir o divórcio de Ádila |
| | Ketlen | Não consta | Morta por desobediência, picada em pedaços e enterrada no quintal |
| | Rusyleid | Não consta | Morta por desejar se separar de Tadeu |
| | Queila | Não consta | Morta porque foi promovida |
| | Jaqueline | Não consta | Morta por ter relações extra conjugais |
| | Daniela | Não consta | Morta por querer romper com Alberto |
| | Txupira | Quatorze anos | Morta por gravar três homens traficando |
| | Rita | Não consta | Morta por escrever sobre os assassinos de Txupira |
| | Carla | Não consta | Morta por terminar o relacionamento com seu ex-namorado |
| Alessandra Fernandes Silva | | Não consta | Morta pelo cunhado |
| | Marciane | Não consta | Morta por denunciar o marido por agressão |
| | Magali | Não consta | Morta pelo namorado |
| | Lívia | Não consta | Morta pelo marido, trucidada ainda grávida. |
| | Scarlath | Vinte e seis anos | Morta por Fares, borracheiro, por pegar 10 reais emprestados. |

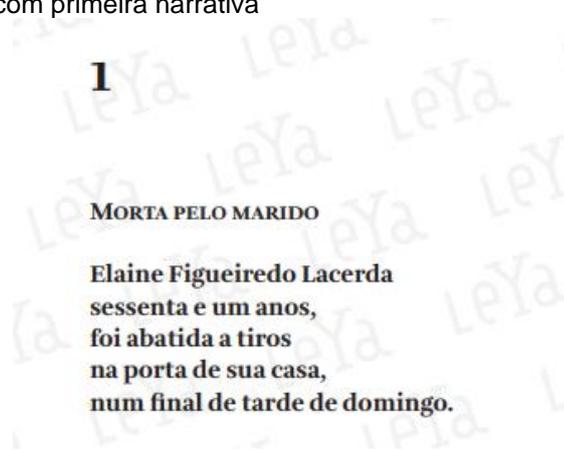
| | | | |
|--------------------------|--|-----------------|---|
| Lilian Maria de Oliveira | | Não consta | Morta pelo marido por querer o volume da TV mais alto, ou mais baixo. |
| Taita Gomes | | Não consta | Morta com um tiro na cabeça por deixar que o filho jogasse videogame |
| Engel Sofia Pironato | | Vinte e um anos | Estrangulada até a morte pelo marido |

Fonte: (AQUINO SILVA, 2020).

Nessa relação, identificamos 33 mulheres, compondo a enorme pilha que não para de crescer. Desse total, 9 referem-se a mulheres reais, enquanto as demais correspondem a personagens da ficção de Melo. Essa quase indistinção entre real e ficcional serve para aclarar a força da denúncia de seu texto. Como se pode conferir na tabela 1, as idades das mulheres assassinadas são as mais variadas, como também as razões que as fazem vítimas de assassinos, quase sempre companheiros, movidos por justificativas as mais esdrúxulas, como o volume da TV, uma opinião diferente sobre a educação do filho, por se negar a pagar uma bebida.

Melo elabora, assim, uma narrativa atravessada por muitas narrativas, algumas das quais bastante sucintas, entrecortando o enredo principal, o que cria efeito de fragmentação e descontinuidade. Já no primeiro momento, vemos de forma sintética o anúncio da primeira morte (Fig. 1), a que se segue, na página posterior, a situação que leva a narradora-personagem a ser alvo de agressão do então namorado.

Figura 1 - *Print* da página com primeira narrativa



Fonte: (MELO, 2019, p. 6)

Outro recurso mobilizado por Melo será a enumeração. Nos fragmentos a seguir, serve para evidenciar que o feminicídio se dá nas diferentes classes sociais, perpetrados por sujeitos com diferentes níveis de escolaridade, valendo-se dos objetos mais distintos. A pilha de cadáveres se alimenta, pois, de mulheres de tantos nomes, vítimas de quem lhes era bastante próximo:

Profissão do acusado: Militar. Eletricista. Servente de pedreiro. Lavrador. Funcionário público. Estudante. Matar mulheres é um crime democrático, pode-se dizer. Eu fazia minhas próprias tabelas que, no futuro, transformariam aquelas estatísticas em mais estatísticas. Grau de instrução do acusado: Semianalfabeto. Superior completo. Analfabeto. Nível universitário. Grau de relação com a vítima: Marido. Namorado. Amante. Ex-amante. Irmão. Cunhado. Padrasto.

[...]

Faca. Foice. Canivete. Enxada. Garrafas. Martelos. Fios elétricos. Painéis de pressão. Espetos de churrasco. Na hora de assassinar uma mulher qualquer objeto é arma.

[...] Wanda. Abigail. Carmen. Joelma. Rosana. Deusa. Fiquei olhando para aqueles nomes de mulheres, uma pilha de cadáveres que parecia não ter fim. (MELO, 2019, p. 17)

A circularidade das narrativas de assassinatos de mulheres é ainda acentuada na referência ao poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade. Em vez da temática de amor e desamor que ata os sujeitos no texto do poeta mineiro, em Melo seve para atestar a continuidade do enredo, as razões as mais banais para que o crime tenha sido cometido, a repetição infundável que coloca o homem sempre no lugar de sujeito destinador-sancionador, dotado do poder de punir a mulher pela performance que não lhe agrada:

Foi Alceu quem matou Eudineia & Heroilson matou Iza & Wendeson matou Regina & Marcelo matou Soraia & Ermício matou Silvana & Creso matou Chirley & mais ainda, Degmar foi morta por Ádila & Ketlen foi morta por Henrique & Rusyleid foi morta por Tadeu & Juciele foi morta por Itaan & Queila foi morta por Roni & Jaqueline foi morta por Sinval & Daniela foi morta por Alberto & Raele foi morta por Geraldo, e todos esses crimes, que aconteceram havia sete, dez, doze anos, não demoraram sequer três horas, cada um, para ser julgados. Regina irritava Wendeson, ela tirava Wendeson do sério por causa da porra daquele rádio & Ermício descobriu uma foto de Silvana de biquíni no celular dela & Daniela queria romper com Alberto & Rusyleid desejava se separar de Tadeu & Degmar já até pedira o divórcio de Ádila & Iza morreu, na verdade, porque se negou a patrocinar a cachaça do Heroilson. Iza era assim, disse Heroilson para o juiz, uma dona complicada. Difícil mesmo. Sabe para quem Silvana enviou a foto de biquíni? Para um colega da firma. Eu deixava a Silvana trabalhar e ela fazia isso comigo, declarou Ermício. De biquíni! Abaixa a porra desse rádio, avisou Wendeson um milhão de vezes. Mas quem falou que Regina obedecia? (MELO, 2019, p. 68)

Ainda na passagem acima, o emprego do discurso indireto-livre, que comparece em vários outros momentos, principalmente os que se relacionam aos rituais xamânicos, vai dar o embaralhamento das vozes, na confusão de narrativas que se aproximam pela crueldade e banalidade.

HISTÓRIAS EMPILHADAS, NARRATIVAS DO SEM SENTIDO

Conforme anunciado, mobilizaremos para análise algumas categorias da semiótica discursiva como subsídio teórico para a leitura do romance de Melo. Nas palavras de Greimas e Courtés, a semiótica pode ser compreendida como uma teoria geral da significação, o que implica considerar não apenas restrita à substância verbal:

A teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, ou seja, como uma teoria da significação. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob a forma de uma construção conceitual, as condições da apreensão e da produção do sentido. (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 415).

Como teoria da significação, parte da concepção saussuriana de linguagem a partir da constituição da linguagem mediante a conjunção dos planos da expressão e do conteúdo. Da perspectiva da expressão, cada linguagem demanda do analista o conhecimento das especificidades de sua constituição, o que implica, na análise de uma pintura, por exemplo, que se dominem elementos relativos ao visual: linhas, formas, cores, organização espacial dos elementos, propostas estéticas diversas, concepções de representação etc. Na leitura de um romance, ou de uma dança, serão outros os elementos a serem considerados. O que é regular para a compreensão de todas as produções da linguagem, contudo, diz respeito às invariâncias relativas ao plano do conteúdo, simulacro metodológico que compreende as operações crescentes de abstração produzidas no gesto de produção de sentido.

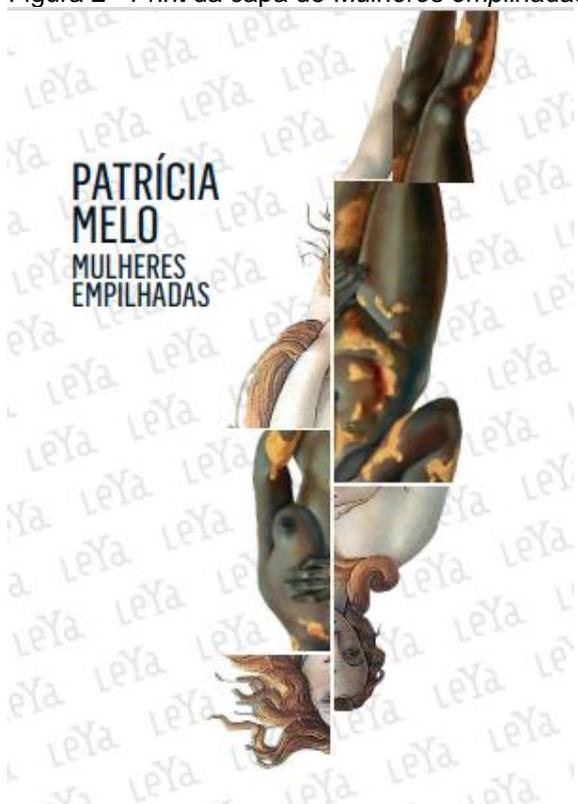
Esse percurso gerativo é sistematizado em três níveis, cada um deles sendo descrito mediante uma sintaxe e uma semântica: níveis fundamental, narrativo e discursivo, sendo o primeiro o mais abstrato, profundo e simples, o último mais concreto, superficial e complexo.

Para esta análise, selecionamos as categorias da sintaxe narrativa, complexificadas pelas reflexões de Landowski (2014) com os regimes de interação e sentido.

PRIMEIRAS IMAGENS

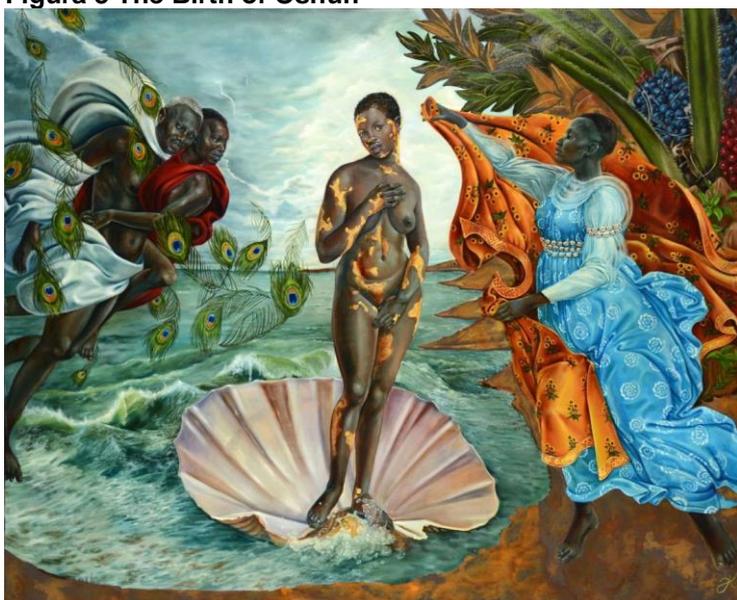
A capa do romance (Fig. 2) traz uma composição de Kiko Farkas, justapondo a figura clássica da *Vênus* de Sandro Botticelli e sua releitura pela artista cubana Harmonia Rosales (Fig. 3).

Figura 2 - *Print* da capa de *Mulheres empilhadas*



Autor: Kiko Farkas, em releitura de trabalhos de Sandro Botticelli e Harmonia Rosales.

Figura 3 The Birth of Oshun



Autor: Harmonia Rosales.

Fonte: <https://www.harmoniarosales.com/collections>. Acesso em: 30 nov. 2020.

A Fig. 3, *The Birth of Oshun* – em tradução livre, *O nascimento de Oxum* – da artista cubana Harmonia Rosales está relacionada em site de exposição de seus trabalhos ao lado da sigla B.I.T.C.H., referente a *Black Imaginary to Counter Hegemony* – em tradução livre, *Imaginário Negro para Contra-hegemonia*. Ao lado da representação, encontra-se o seguinte enunciado: “Replacing the white male figures (the most represented) with people I believe have been the least represented. By contemporizing the meaning behind these iconic paintings we can begin to recondition our minds to accept new concepts of human value”⁹.

Desde a sigla, Rosales acentua a violência contra a mulher, recuperando o adjetivo em inglês que pode ser traduzido como cadela, prostituta, puta, termos que encontram sem grande esforço o equivalente no Brasil no tratamento dado às mulheres. A artista alia, portanto, duas denúncias em sua releitura de Botticelli: i. a da ausência de representação dos negros pela arte ocidental, contribuindo para associar a noção genérica de humanidade à branquitude – e por isso mesmo a sigla aponta para a tarefa contra-hegemônica; ii. a violência contra a mulher, reverberada pelo adjetivo que a desqualifica, acentuando-se a posição de inferioridade da mulher negra. Repetir o termo, em vez de confirmá-lo como verdade é, ali, estratégia de denúncia contra a sua naturalização.

Na composição de Farkas, há inversão da imagem de Vênus, lembrando a posição dada pelo sujeito na carta de tarô do Enforcado, o que acentua a condição de violência a que a mulher é submetida. Essa inversão pode acentuar a desvalorização e a anulação dos valores e significados que essa deusa carrega consigo. A capa antecipa, assim, a destituição da mulher de seu papel de deusa, submetida a uma condenação, insinuando figurativamente para o modo como as mulheres aparecerão durante todo o enredo do romance.

⁹ Em tradução livre: Substituindo as figuras masculinas brancas (as mais representadas) por pessoas que acredito terem sido as menos representadas. Ao contemporizar o significado por trás dessas pinturas icônicas, podemos começar a recondicionar nossas mentes para aceitar novos conceitos de valor humano.

[...] o culto a Vênus, tida geralmente como a deusa do amor, da sedução e do sexo, adquiriu diversas outras conotações ao longo da história romana. Tendo ainda profundas raízes, que vão desde a Mesopotâmia até os dias de hoje. Seu nome e suas funções variaram conforme a época e a civilização que a cultuava, Innana, Ishtar, Afrodite, Vênus, são apenas algumas das denominações que lhe fora atribuída. Podemos perceber isso a partir de uma breve análise das diferentes conotações que o culto a Vênus ganhou desde a sua chegada a Roma, quando seu culto era resguardado mais às “meretrizes” até o império de Augusto, momento em que se tornou mais popular e serviu de base para a afirmação do poder desse soberano e da cristalização da noção de que ele era descendente direto da deusa e por isso deveria ser cultuado como um deus. [...] podemos dizer que o culto a Vênus não se resguardou apenas a uma conotação, ao longo da história ela assumiu diversas funções, considerada deusa do amor e da sexualidade, protetora da virgindade, deusa mãe, chegando até mesmo a assumir o papel de “deusa da guerra” [...] O papel assumido por Vênus era uma questão de conveniência, ela assumia uma dada função conforme as necessidades da sociedade que exigiam uma resposta divina, quando o homem não possuía respostas para certos fenômenos ou quando buscava firmar certa ideologia na mente do povo, como foi observado no caso da busca pela afirmação da soberania de Augusto como imperador. (FILGUEIRA; BUENO; 2013, p. 10)

Justapondo fragmentos de Botticelli e Rosales, Farkas constrói também a imagem de que a violência contra a mulher não escolhe cor, de certo modo, portanto, apagando a força da denúncia de Rosales, ao mesmo tempo em que reitera a generalização da agressão tematizada no romance.

PROGRAMADOS PARA MATAR

A violência chega para todas as mulheres, e essa é uma sintaxe que atravessa as histórias contadas e acompanhadas pela advogada e pesquisadora, inclusive atravessando a história da própria personagem principal na construção do sentido que buscara não apenas na viagem ao Acre, mas também para si mesma.

Numa relação de espelhamento com as mulheres que encontra, vemos reiterado um programa narrativo, no qual o homem, a despeito da classe social, idade, nível de escolaridade e formação, encontra-se sempre no papel de destinador, cabendo à mulher, independente de classe, idade etc. o papel actancial de destinatário. É ela que deve fazer o que o destinador manipulador determina, explícita ou implicitamente, sob o risco da sanção negativa.

Conforme a sintaxe narrativa prevista pela semiótica, há, ao menos no nível do pressuposto, um acordo fiduciário entre os dois sujeitos, tendo em vista uma naturalização da estrutura patriarcal que, nesse caso, confirma uma orientação de sentidos para ser, viver, amar e, mesmo, matar.

Se considerarmos que o homem também se submete a uma ordem sócio-histórica, podemos ao menos considerá-lo como adjuvante, sendo a estrutura o superdestinador que, por força de elementos de coerção que preveem uma absoluta regularidade quanto ao que está previsto para os papéis temáticos e actanciais, pode, por fim, programar todos os sujeitos. Conforme Landowski (2014), a programação é mais passível de ser identificada no funcionamento dos objetos do que propriamente orientando as interações intersubjetivas, mas, dada a extrema previsibilidade e regularidade, ordena as sociedades autoritárias, fortemente reguladas. Nessa perspectiva, além da sintaxe da manipulação, podemos considerar no romance de Melo, a instauração de um regime de programação, dado que os personagens

masculinos parecem movidos por uma ordem superior que os programa para a violência e a morte de suas companheiras. É a regularidade absoluta que os reúne num mesmo papel temático: dominador, assassino, absolvido de seus crimes. Nessa ordem patriarcal, de antemão, independentemente de sua performance, muito menos ainda de seu querer e saber, a mulher já parece condenada.

Lembro da sensação de ser empurrada para dentro do lavabo pelo meu namorado, que surgiu do corredor, transtornado, vindo dos quartos, “Com quem você estava?”, gritava ele. “Onde você se meteu?” A música fazia tudo vibrar, eu quase podia sentir seu ritmo pulsando sob meus pés, na ponta da minha língua, e enquanto ele apertava meus braços, me prensava contra o mármore frio na parede, eu não respondia, não conseguia reagir, na verdade não conseguia entender que era eu mesma quem estava vivendo aquela cena de novela barata, euzinha que tinha diante de mim aquele delicioso parceiro sexual, um homem atlético, culto, cheio de humor, a quem eu começara a chamar de namorado havia poucos meses, e que até então era tão cortês, respeitoso e amável quanto eu desejava que um namorado pudesse ser, e que continuava gritando, numa fúria possessiva e sem motivos. Só o que consegui fazer, enquanto tentava me defender e me livrar de seus braços, foi dar uma risada. Só isso. E aquele meu sorriso tenso, meio atrofiado, fez com que seus olhos ganhassem um brilho selvagem, como o de certos cães antes do ataque. Paf. Até então, nunca tinha levado um tapa na minha vida. No rosto. – Vadia – me disse ele antes de deixar o banheiro (MELO, 2019, p. 8-9)

Nesta cena, narrada e descrita pela personagem, há a primeira sanção punitiva, um tapa em seu rosto, acompanhado de um aperto em seu braço e violência verbal, por ter saído da vista de seu namorado por alguns minutos, Amir, que sente-se no direito de pressioná-la por ela não ter agido como ele acredita que ela deveria agir, movido por um ciúmes que pode facilmente ser lido como um sentimento de posse sobre o corpo da advogada. Há também uma evidenciação da performance do namorado, que é descrito como um homem cortês, respeitoso etc, algo não condizente com o ato agressivo cometido contra a personagem, e isso lhe deixa confusa.

No decorrer da narrativa, Amir tenta consertar as coisas, procurando a sua ainda namorada para lhe dizer e lembrar que aquele acontecido não diz respeito sobre a sua essência, que aquilo não é a soma de quem ele realmente é, que ele é diferente e que um episódio como aquele jamais voltará a se repetir, trabalhando assim numa lógica de manipulação, tentando contornar o que houve e convencer a personagem a falar com ele. Mas a advogada permanece lúcida, e não se permite deixar de pensar sobre isso:

Você não imagina que um cara como este, que estuda Wittgenstein e pratica ioga, vai acabar enfiando a mão na sua cara, no banheiro de uma festa de fim de ano de advogados. Mas as estatísticas mostram que isso é comum. E que muitos não se contentam em apenas dar um tabefe. Preferem mesmo é matar. (MELO, 2019, p. 14)

Ao chegar no Acre, ela começa a perceber regularidades nos assassinatos de mulheres que está fichando e resumindo para enviar ao escritório de advocacia, para Denise, e nota até mesmo no comportamento desses matadores uma constância, que por vezes se cruza com o que aconteceu entre ela e Amir, e em todos os casos essas mulheres foram sancionadas, decretadas à morte. Afinal, aquela terceira e última

semana do mutirão fizera o favor de me dar um retrato fumegante do tipo de homem que dá tapa na cara de uma mulher. Um tipo que considera uma relação afetiva como uma espécie de licença para matar (MELO, 2019).

Contudo, a sanção dá-se de modo pragmático, como uma forma de retribuir e/ou uma forma de desmascaramento da figura do anti-herói. É o estado final do sujeito, que pode ser sancionado enquanto objeto de valor de uma forma positiva ou negativa. Nos casos em que a personagem está acompanhando: vingança.

Proclamava-se que o chamado esquema narrativo canônico, com suas quatro fases, a manipulação, a competência, a performance e a sanção, dava conta da análise de todas as narrativas. Não era um molde que se aplicava mecanicamente às narrativas reais, mas era um modelo de previsibilidade, que permitia a compreensão de cada narrativa em toda a sua complexidade. (LANDOWSKI, 2014, p. 7)

A repetição de alguns acontecimentos narrados durante o romance, remete justamente a esta previsibilidade que permitirá a apreensão parcial dessa narrativa retratada pela personagem que em diversos momentos quase explica a própria realidade material (LANDOWSKI, 2014).

O sentido vai sendo construído por Melo, passo a passo, perpassando pela questão da classe social e em consequência também pelo tratamento recebido por mulheres de cor, como o sistema é feito para não funcionar. Lá na ponta, quem investiga olha a vítima com desprezo, é só uma mulher, pensa. Uma preta. Uma puta. Uma coisa. Se for possível, ele nem atende a chamada quando o telefone toca no covil onde trabalha (MELO, 2019). Se percebe a existência de uma violência perpetuada em diferentes níveis, e que quanto mais você se encaixa em patamares excluídos socialmente, com mais selvageria será tratada.

O melhor e talvez o mais cruel exemplo disso, seja a morte de Txupira, que enquanto mulher indígena está à margem da margem, não tem sua existência reconhecida pelo estado que sequer tem leis para assegurá-la, onde só a Lei Maria da Penha não é suficiente, pois não abarca a realidade dela, e isto é evidenciado num trecho do romance em que Paulo fala sobre a vida e morte de Carla, Txupira e da personagem principal:

É. Mas todos os equívocos que cometi foram para proteger aquela mulher. A Carla. A sua amiga. E você. Você também se beneficiou com meus erros. Não pense que não. Você viu o que fizeram com Txupira. Você não sabe, mas, há três meses, um amigo do meu pai me ofereceu um emprego de leão de chácara num clube de tiro. Você não tem ideia das coisas que 222 ouvi naquele lugar. Iam fazer com Carla o que fizeram com Txupira. Você também já estava na mira deles. Sabe, esses caras estão no comando. Você pode até não perceber. Mas o Acre tem dono. Você não tem ideia de quantas Txupiras já morreram. E ninguém fica sabendo. Ninguém é preso. Nada acontece. E eles, esses Crisântemos da vida, simplesmente não aceitam que uma Carla desavisada, cheia de teorias, uma paulistinha sem noção, chegue aqui de repente achando que pode apontar seu dedinho na cara suja deles. Não é assim que as coisas funcionam no Acre. (MELO, 2019, p. 221-222)

Paulo, ex-namorado de Carla, assassinada pelas suas mãos com um tiro à queima roupa ao descobrir que o ex-parceiro tinha assassinado os matadores de Txupira, confessa que os destinaidores daquela terra são os senhores que por ali estão há muito tempo, famílias poderosas, e que se tornaram poderosas exatamente do mesmo modo que Paulo matara sua ex-companheira: à sangue frio, pelo simples

poder de tirar a vida de quem adentra seus caminhos e não performasse o que era desejado. Neste caso, Carla foi quem sofreu a sanção.

Txupira foi o destinatário de seus destinadores, Crisântemo, Abelardo e Antônio. Os homens apresentados durante a narrativa são colocados como àqueles que têm o poder de deixar viver ou não, seguindo uma lógica de repetição dos mesmos acontecimentos em processos que estavam sendo acompanhados durante aquele mutirão da personagem. Não é coincidência, é como um padrão, como se a sociedade estivesse programada para receber e aceitar essa lógica machista, misógina e brutal.

Tradicionalmente, a semiótica narrativa apenas reconhece duas formas de interação: por um lado, a “operação” ou ação programada sobre as coisas, fundada, como se verá, em certos princípios de regularidade; por outro lado, a “manipulação” estratégica, que põe em relação sujeitos regidos por um princípio geral de intencionalidade. (LANDOWSKI, 2014, p. 19)

A ação programada está presente quando o homem determina o que irá fazer com aquela mulher que não performou o que ele queria, da forma como ele queria. Para você aprender, eles dizem. Avisam: se você for embora, eu acabo com sua vida. Mato seus pais. Mato nossos filhos (MELO, 2019). Uma regularidade na maioria dos casos, aviso prévio, e a manipulação. Sendo assim, afirmar a existência de um princípio geral de intencionalidade não é um equívoco, ele está lá, na narrativa deste romance empilhador de mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto discutiu acerca das questões que envolvem a mulher, desde a sua vivência social até às questões de raça e classe. As adversidades e os meios utilizados pelo sistema patriarcal para manter as mulheres num papel de submissão, marginalizadas e silenciadas. Evidenciando números reais que representam mulheres reais, violências concretas, e a realidade brutal que há muito é deixada de lado e negligenciada pelo Estado.

Surpreendemo-nos também, com a narrativa da pesquisadora e advogada que a todo momento nos envolve e entrelaça o mundo real ao mundo fictício da obra, gerando sentidos e proporcionando reflexões.

Como pontos principais, trouxemos a perspectiva de análise semiótica e sintaxe narrativa, as suas possibilidades de leitura de um texto a partir dos seus signos linguísticos, o posicionamento da narradora personagem quanto às medidas impostas e tomadas, acontecimentos e tudo o mais, dentro da perspectiva do estado em que ela se encontra. Bem como ela trabalha dentro do sistema, ainda que ele não esteja adequado às especificidades de todas as mulheres.

REFERÊNCIAS

ANZALDUA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BOND, Letycia. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante a pandemia. **Agência Brasil**, São Paulo, 01 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>. Acesso em: 19 nov. 2020.

CANDIDATA do PT à prefeitura de Curralinho, no Marajó, é assassinada em Belém. **Portal G1**, Pará, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/11/19/candidata-do-pt-a-prefeitura-de-curralinho-no-marajo-e-assassinada-em-belem.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

EM 2018, mulher recebia 79,5% do rendimento do homem. **Agência IBGE Notícias**, 08 mar. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23923-em-2018-mulher-recebia-79-5-do-rendimento-do-homem>. Acesso em: 08 dez. 2020.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**. São Paulo: Elefante, 2019.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1983.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: CPS, Estação das Letras e Cores, 2014.

MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: São Paulo: Leya, 2019.

PERISSÉ, Camille; LOSCHI, Marília. Mercado de trabalho reflete desigualdades de gênero. **Agência IBGE Notícias**, 19 ago. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25223-mercado-de-trabalho-reflete-desigualdades-de-genero>. Acesso em: 08 dez. 2020.

REIS, Naiane Vieira dos. **Entre estudos, maternidade e trabalho: análise semiótica das histórias de vida de estudantes da área de letras da UFT**. 2020. 187p. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, Araguaína, TO, 2020.